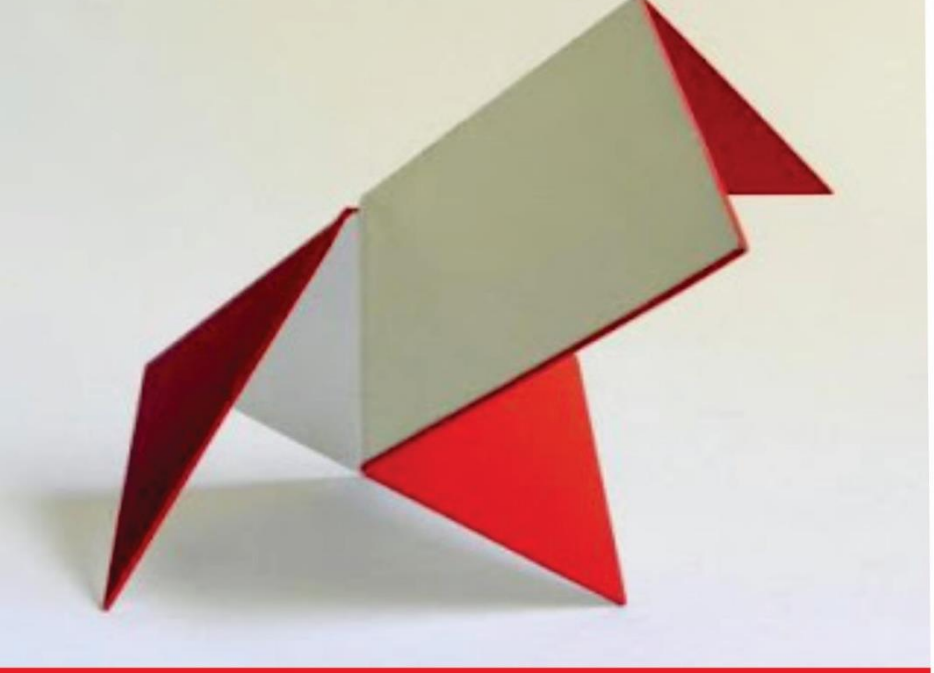


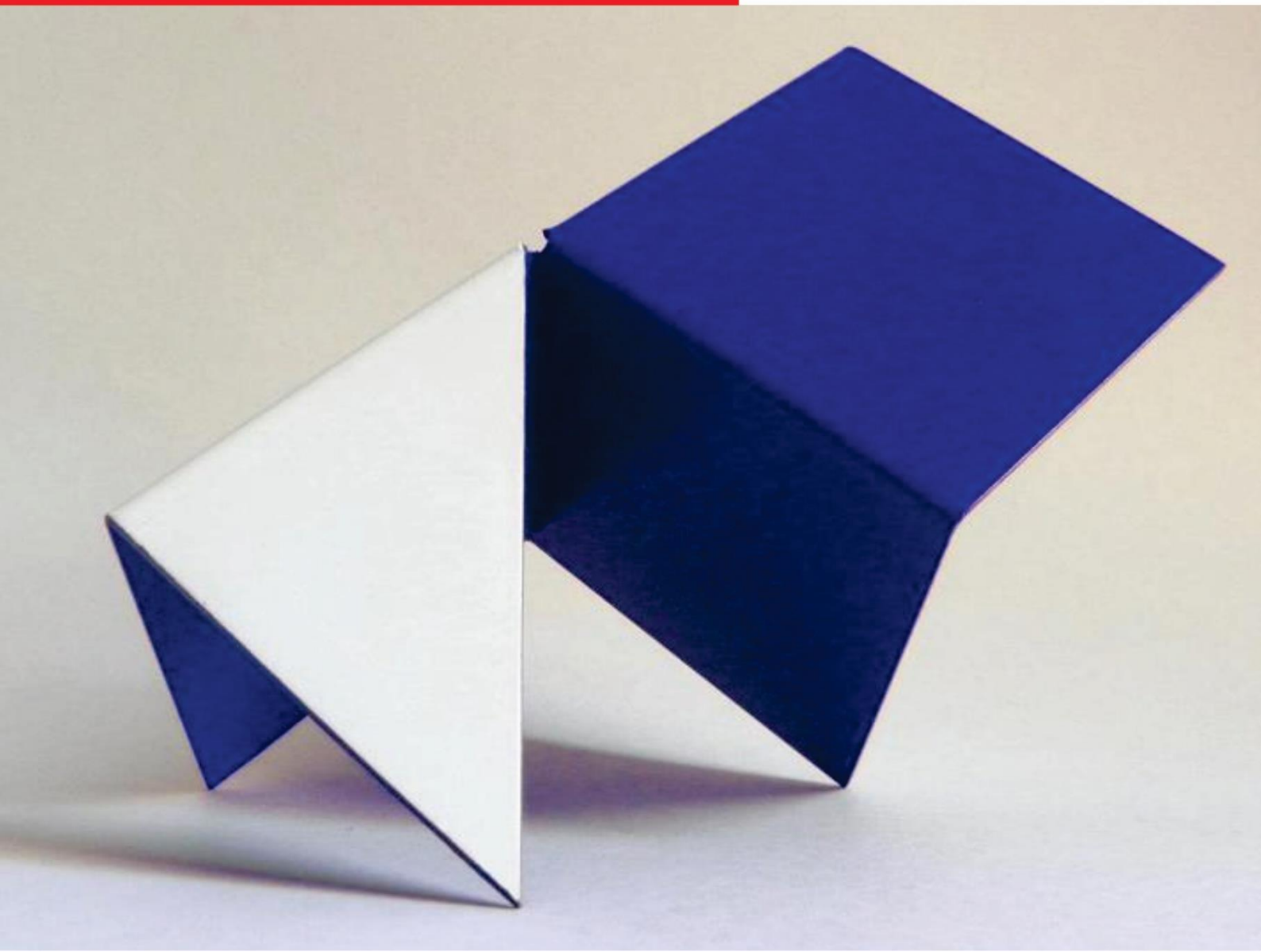
REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

VOL. 04, Nº 01 - MARÇO - 2019

ISSN 2448-1793

NÓS



ISSN 2448-1793
REVISTA
Cultura, Estética & Linguagens

O IMAGINÁRIO POPULAR LOCAL EM SINHOZINHO: DA DEVOÇÃO RELIGIOSA À PRÁTICA NA ROMARIA EM BONITO-MS

THE LOCAL POPULAR IMAGINARY IN "SINHOZINHO":
FROM THE RELIGIOUS DEVOTION TO PRACTICE IN THE PILGRIMAGE IN BONITO-MS

https://doi.org/10.5281/zenodo.5928868

Envio: 24/07/2018 ◆ Aceite: 01/10/2018

Layanna Sthefanny Freitas do Carmo

Mestranda do Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, da Universidade Estadual de Goiás, Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas.

Maria Idelma Vieira D'Abadia

Pós-doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná. Docente e pesquisadora do Curso de Licenciatura em Geografia e do Programa de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* Interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás, Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas.

RESUMO

O presente artigo se propõe a realizar uma análise do tipo descritivo-analítica acerca da figura do Sinhozinho, bem como apontar uma interpretação referente à devoção do povo no imaginário local do município de Bonito-MS em torno desse sujeito. A afirmação do Sinhozinho como santo se dá a partir da personalidade religiosa, a qual (re)produz significados imaginários sobre sua existência física, transfigurando para o campo das relações culturais e ritualísticas na construção da expressão popular e sagrada. Os devotos atribuem a Sinhozinho o caráter de milagreiro, portanto, será descrito e discutido a construção dessa cultura de santidade expressa popularmente e que fundamenta o rito e a romaria realizada anualmente em seu louvor. Os dados aqui descritos partem de uma revisão bibliográfica a respeito da temática, os quais serão ampliados e divulgados por meio de uma dissertação, a qual ainda se encontra em construção.

PALAVRAS-CHAVE: Devoção; Imaginário; Religiosidade Popular.

ABSTRACT

This article proposes to carry out a descriptive-analytic type analysis about the figure of Sinhozinho, as well as an interpretation referring to devotion to the local non-imaginary people of the municipality of Bonito-Mato Grosso do Sul, Brazil, around that subject. The statement of Sinhozinho as a Saint is given from the religious personality which produces imaginary meanings about your physical existence transfigured for the field of cultural relations and building the popular expression ritualistic and sacred. Devotees attribute to Sinhozinho the character of miracle worker, therefore, will be described and discussed the construction of the culture of Holiness expressed popularly and that justifies the rite and the pilgrimage held annually in your praise. The data described here are based on a bibliographical review about the subject, which will be expanded and disseminated through a dissertation, which is still under construction.

KEYWORDS: Devotion; Imaginary; Popular Religiosity.

INTRODUÇÃO

A devoção de um personagem milagreiro e caracterizado como santo devocional na sua flexibilidade de beneficiar inúmeras famílias em um ponto de culto e partilha em diferentes lugares e tempos, são alicerces presentes, que o aderem na condição de ser contemplado socialmente pelas suas transcendências instransponíveis. A comunhão com esses seres de influência numinosa também transmite a ligação de uma pessoa comum nos termos de uma entidade suprema para o seu povo seguidor, chegando a praticar o ritual religioso. Se atrelar a um praticante das obras divinas é uma ação importante e complementada pelos grupos distintos, vivenciando suas religiões em busca de uma resposta satisfatória aos seus anseios.

Os fiéis declarados, ao confirmarem esses homens descritos e inscritos por caridosos e fraternais, entre outras explicações de bondade, como misteriosos e idealizados nas suas posturas humanas depois santificadas, nem sempre são reveladas na íntegra. Essas exemplaridades acabam firmando esses homens que intervém diretamente no desejo dos seus admiradores de serem ouvidos. Muitos deles se sentem impressionados pelos comportamentos desses sujeitos em semearem as mensagens

enviadas por uma ordem superior e, consequentemente como resultado, eles se apegam a sensação de estarem sendo protegidos, assim eles depositam suas orações e várias formas de agradecimentos ao frequentarem capelas, oratórios, festas religiosas e romarias, os rituais.

O fenômeno religioso e cultural a ser tratado neste artigo como objeto de estudo é exposto em uma compreensão de um agente móvel no espaço e nas devoções. A trajetória do Sinhozinho em Bonito-MS é associada à passagem de um ser religioso inserida em uma história curiosa para os moradores. O imaginário como categoria a ser desdobrada nesse texto, se trata da emissão e do decifrar dos códigos no conhecimento popular acerca das falas e das impressões deixadas e imaginadas pelos depoentes fazendo com que o Sinhozinho sobreviva. Nesse sentido, as testemunhas narram o seu trajeto oculto durante o período da década de 1940, no município de Bonito. A narrativa em destaque propõe explicitar os rumos do seu legado cultural, reinterpretado com a devoção dos seus seguidores na capela localizada na fazenda Estrelinha, próxima ao rio Mimoso. Nessa região de fazenda, ocorre o ritual da romaria que celebra o culto a Nossa Senhora Aparecida e a homenagem ao seu fundador, no dia 12 de outubro. Pretende-se relacionar a religiosidade popular e o imaginário de Sinhozinho com o objetivo de demonstrar a comunicação, presentificando a sua jornada.

SINHOZINHO:
UM SUJEITO HISTÓRICO INTERPRETADO NO PRESENTE

A história do Sinhozinho é uma adaptação de histórias reconhecidas ou não. Essas são possibilitadas pelos sentidos imagéticos e apontadas em diversos escritos locais, em que os maiores interessados na sua repercussão da internet são os próprios moradores do estado, que se preocupam em divulgar essa personalidade como integrante e pertencente a devoção popular desse espaço, embora sua identidade não

tenha sido identificada nos documentos da região. As tramas da sua trajetória que não se esclarecem detalhadamente com provas são narrativas que quase não lhe explicam, mas continuam vivas nas narrações e não perderam seus enredos ao serem publicados em sites, ganham novos significados.

Entretendo, esses dados fornecidos pelos informantes nas redes sociais e comerciais, estão sendo aplicados como tentativas biográficas de um indivíduo complexo. Ao mesmo tempo, as histórias são vistas como fontes nas quais esses meios de informação destacam todo o engajamento do sujeito informando o período (1940-1944) percorrido por um homem simples e de poucos recursos se deslocando nas áreas rurais; ninguém sabe de onde veio ou para onde foi. Esse se tornou santo na apresentação dos textos eletrônicos ao destacar os seus aliados religiosos ao mencionarem que se alimentava de peixe, pescava, e trabalhava de maneira comunitária para atender os moradores. Comia um pouco de mel e obtinha um dos braços escondidos na expressão popular do povo sul mato-grossense. Sua essência, além de ser um fato não esquecido nas narrativas que se fragmentam pelo referente lhe descrevendo, também trazem uma junção de crenças se confundindo com o folclore local e readaptações da fé. Essas funcionalidades religiosas se adicionam no ritual que contempla o espaço como simbólico quanto aos encontros festivos com os agentes.

Ao evocar a força sagrada, os indivíduos seguidores do Sinhozinho se aproximam de uma jornada executada com peregrinação e adoração católica até o local direcionado à sua romaria que acontece todo dia 12 de cada mês. A procura dos religiosos referente às suas imagens vai além de suprir as necessidades espirituais. Os devotos também se apropriam de trocas coletivas, simbólicas e comerciais para dar continuidade a existência dos contos populares que estão ligados ao meio, à escrita, a oralidade e a religiosidade na devoção do ícone que tem a sua história oculta. Essas explicações nem sempre são contadas ou decifradas nas enunciações, ou seja, é dada em silêncios e as

palavras apreendidas pelos conhecedores desse sujeito são seletivas, nem tudo que é dito pelos depoentes é partilhado na íntegra.

Pode-se dizer que a figura do Sinhozinho na sua manifestação religiosa no estado do Mato Grosso do Sul, é uma existência mental e esta possui forte representatividade de diferentes versões de si e são afetadas pelos que acreditam em seus poderes nas várias concepções reveladas e não reveladas, tanto instrutivas quanto imaginadas nas suas faces. É preciso dizer que as narrativas locais e suas agilidades de escrever sobre um Sinhozinho loiro, ruivo, cabelos longos ou curtos, crespos, baixo ou alto, conversando por gestos passam a dar continuidade às entrelinhas da sua vida não definida na religiosidade popular em elementaridade da sua atuação voltada aos afetos e aos códigos como signos populares.

Ambas as referências associadas a sua imagem flexível não possuem uma definição única, se manifesta no messianismo, a uma divindade ou andarilho entre os seus protagonismos e essas são questões pelas quais intensificam a idealização entre o céu e a terra, entre o bem e o mal. Esses acontecimentos místicos narrados nos textos informativos que ultrapassaram o contexto de mortes e violências produzidas na década de 1930 e 1940 no espaço do distrito que se tornaria Bonito em 1948. Esse terreno é confrontado com a chegada de bandoleiros que migraram de seus estados e promoveram os conflitos de ordem econômica e política em uma sociedade heterogênea que encontrou conforto no seguimento desempenhado de um agente tido como mestre divino. Pode-se apontar que devido às desigualdades e as crises desses eventos históricos, os fatos referentes ao fenômeno foram notáveis e ganharam alguns significados com as experiências dos devotos, registrando em suas falas a sua eficácia nas devoções e prolongando a sua trajetória.

As religiões do mundo são compreendidas como campo de crenças diversas procurando criar e simbolizar os seus laços sociais, vivê-los é transferir a sua divindade cósmica, uma realidade da ação terrena e a necessidade do universo mental. A

significação das coisas perpassam momentos em torno dos ciclos existenciais da vida humana com as suas necessidades psicológicas, ritualísticas e culturais. Em um primeiro momento, cabe expor a seguinte questão: o Sinhozinho teria sido um mestre divino? Um santo popular? Qual a face que melhor se encaixa na identidade e na representação desse agente cultuado pelo seu povo? Para responder a esse questionamento, buscamos desdobrar a relação desse ser com sua interferência ao território e aos pressupostos decorrentes dessa curta vivência. Talvez, essas indagações não sejam respondidas tão rápido.

Os grupos sociais que residem nas localizações do município de Bonito ou até mesmo fora, acrescentam diversos traços inconclusivos que aproximam a existência de Sinhozinho semelhante a um vivente igual aos santos católicos e outras vezes, forjados na mítica de suas próprias atribuições em falar a respeito do assunto. Tratam do seu percurso o enfatizando como um agente sacralizado. Andava sempre solitário e independente, auxiliava doentes e realizava orações para a população necessitada. As palavras descritivas mais comuns sobre as expressões desse ser indecifrável na comunidade que continua a ser tecido no imaginário se associam a sua alimentação à base de frutas, peixes, mel e água, sempre benzidos quando ingeridos, além de expor a sua resistência quanto ao consumo de outros alimentos e ações violentas entre os sertanejos como matar, roubar, mentir ou não partilhar com o próximo. Além disso, é lembrado por levar o evangelho e deixar as cruzes fabricadas nas fazendas para influenciar a oração por onde andou peregrinando nos territórios e salvando os devotos nas terras dos fazendeiros. Estes materiais são signos da sua passagem simbólica e são símbolos da sua autenticidade nas ações religiosas, tais como as rezas, curas, pregações e benzeções, as quais se tornam marcos expressivo na experiência dessa religiosidade popular vivida. A ilustração 01, inserida no texto, representa a imagem revelada pelo imaginário dos devotos de Sinhozinho em Bonito.

Ilustração 01: Fotografia da escultura d*o* Sinhozinho de Bonito – 2014.
Fonte: Disponível em: http://www.champanhecomtorresmo.com/2014/10/sinhozinho-de-bonito-mato-grosso-do-sul.html. Acesso em: 26 jun. 2017.

Observa-se que a estética da sua forma física nas cores claras e pintadas à mostra, são indicativos das tonalidades azul claro e escuro, e remete-se a intenção de uma proximidade com a cor celeste. A sua elaboração é mistificada por um desconhecido que impressionava, lembrado como incomum no pensamento social. O agente religioso foi projetado pela autora que segundo informações postadas nas redes sociais, à artesã é residente na cidade de Campo Grande. Sabe-se que a iniciativa de destacar a produção material da escultura, pressupõe uma posição prévia de caracterizar os traços do imaginário.

De acordo com Pesavento (2006), a habilidade de imaginar as coisas e as representações em seu entorno, se relacionam a função indicadora das sensações nas quais esses mecanismos de realidades existem na eventualidade de confirmar o mundo vivido pelos devotos. Nesse caso, se tornando tangíveis pelas suas trajetórias pessoais como uma maneira de ser e de estar no mundo como recuperações da ausência, mas nem por isso, essas mutabilidades são visíveis e estão livres de intenções manipuláveis. A aparência de Sinhozinho não diz tudo na integridade, mas sabe-se que a sua representatividade nas falas estão marcadas pela essencialidade de um discípulo, cristão e devoto, fabricado de acordo com o interesse da artesã e dos grupos gerais. Vemos em um primeiro contato, o encaminhamento de traços bíblicos da sua atuação na mente daqueles que acreditam na sua feição cristã. Entre outras variações, a figuração de um sujeito iluminado conforme narrado pelos adeptos de seus posicionamentos que lhe indicam por entrar nas tramas da repetição popular. Os mais antigos do município falam da sua aparência física com os cabelos longos, olhos e vestes azuis e mais os objetos com seus adereços, o apoiando e o construindo na história não escrita no imaginário local.

No blog *Bonito por natureza* há a seguinte descrição: *"Figura mítica, um homem considerado santo por seus seguidores, Sinhozinho já se incorporou à história e ao*

folclore bonitense. O "mestre divino", curandeiro e milagreiro, senhor de barbas longas, olhos e cabelos claros apareceu na região por volta de 1944"[13]. A referência se torna uma orientação na vida prática referenciada por (RÜSEN, 1996) e nesse caminho, a concepção da imagem abordada nas identificações do Sinhozinho. Ele aparece com um manto coberto no corpo e um rosário sendo acessórios inseparáveis nas suas intervenções sagradas e estes legitimam materialmente as evidências de um passado-presente em que os seus segredos se resguardam e não são reveláveis. Esses fatos se denunciam com a impressão de um rosto santificado que indica os cabelos ruivos e sua atuação como mudo, entre as pessoas lhe entendendo por gestos. Tudo isso gera a indefinição da sua verdadeira face, apesar de lhe projetarem continuamente como santo elegido pelo povo e invocado entre os mais humildes.

Nessa perspectiva, cabe acrescentar na discussão, alguns apontamentos de Rüsen (1996), quanto à operação cognitiva e constitutiva na formação da narrativa em elementaridade na produção do conhecimento. Os traços da experiência formam os sentidos do saber ao serem escritos na construção do Sinhozinho, embora se deva enfatizar que os registros não dizem totalmente as intenções da autora por traz da escultura, sabendo que há um discurso que precisa ser veiculado chegando aos que absorvem esse conteúdo. Leva-se em consideração que a percepção visual e individual do fabricante é diferente do modo público de representar e interpretar, ainda assim, os objetos permitem expor uma multiplicidade de olhares que se reconstituem através do olhar apropriado por quem sentimentaliza e se faz representar pela imagem ou quem irá receber essa representação ao ato de que dará outras compreensões. Na ilustração 01, mostra-se a calma e a misticidade no ícone que pode, sobretudo, trazer a percepção de um viajante temporário dos rincões sertanejos do Brasil arrebanhando seus

[13] Acessado em 12 de julho de 2017: Bonito, história e lendas! Disponível em: < http://bonitocultural.blogspot.com/2010/02/bonito-historia-e-lendas.html>

seguidores na condução do bem. Uma vez que a sua chegada, naquelas paragens tem data incerta e não está devidamente registrada em documentos oficiais. Os imaginários são amplos e eles se formam na elucidação dos sentidos de seus discursos e no alcance da realidade dos depoentes, que podem negar ou confirmar a narrativa; é preciso considerar que essas quase sempre são voltadas ao sagrado.

O imaginário para Pesavento (1995) é a representação dos significantes entre as imagens mentais e as palavras na sua dimensão simbólica. Pesavento (2006) nos afirma que a realidade histórica de imaginar ideias traduz evocações sensoriais em uma linguagem a qual ela se torna amplamente um reduto do acontecido e se reconfigura pelas percepções imaginativas das imagens e seus instintos elevando-se em reais, reproduzidos por nós mesmos e para os outros. Esses efeitos dos registros escritos e orais articulados pelos depoimentos e pelos artesões são indícios aos quais vem a ser expressos no imaginário da mística, mediando entendimentos e a identidade expressa; inspirada em seu referente dialogando com o externo e nesse ponto quer mostrar sua visão das histórias do Sinhozinho construindo em uma ação interpretativa. A mensagem do objeto pressupõe a encenação da paisagem, privilegiando a manutenção de Sinhozinho ambientalizado na categoria de um ente de luz. Em todo caso, diversifica maneiras de situá-lo como um guia da esperança, profeta ou mestre divino.

A ilustração 02 é uma criação das narrativas locais reproduzida na pintura em *cartoon*. Nesse sentido, insere-se uma interpretação da subjetividade de sua figura na ideia de mestre divino, sendo que o espaço desenhado também recria a noção do sagrado. A cruz se repete como simbolismo desse sentimento, em que a religiosidade popular de identificação na imagem é reforçada na sacralidade que perpetua uma harmonia entre o seu silêncio ao qual é suavizado pelo apontamento da sua existência.

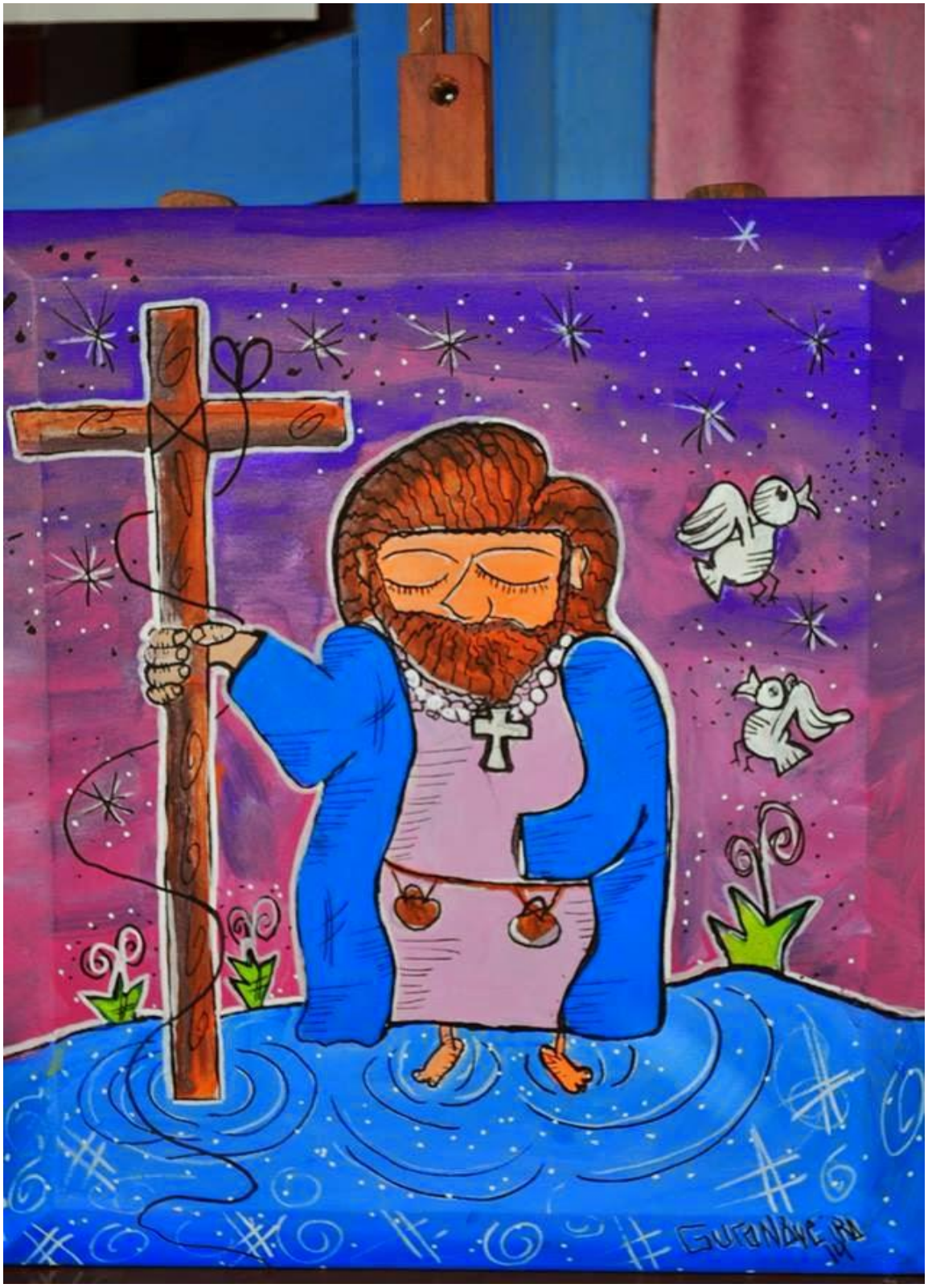


Ilustração 02: Representação artística do Sinhozinho, 2014.
Disponível em: http://gutonaveira.blogspot.com/2014/06/sinhozinho-by-guto-naveira.html.
Acesso em: 26 jun. 2017.

A ilustração 02 tem cores vivas, como notamos o tom azul, lilás e uma postura qualificando a sua experiência religiosa de viver entre os bichos, na natureza e se mostrando acolhido ou recolhido no seu contato com as autoridades celestes. Nas publicações dos *blogs* é referido pela atitude inusitada de não conter um rumo certo, não se fixar nos lugares e chegar aos locais presenciados por outros e recitando suas orações. A ilustração 02 se faz representar pela cena em que está próximo a água. Há relatos que utilizava água para benzer ou curar enfermos e nesse intercurso, a vida natural se mescla pela divinização do ambiente onde novamente aparece com a cruz, tão pronunciada pelos devotos, lhe acompanhando onde quer que fosse. O lugar é produto da valorização entre o relato e a definição de um mundo humano, por isso, o divino é propagado pelo componente que é adicionado sobre uma fonte, informando os grupos e esse canal vem a se fundir como uma dinâmica sociocomunicativa do imaginário social entre o humano e o transcendente.

Apesar disso, esse imaginado é a explicação do objeto que se torna sensibilizado diante de seu universo externo, demonstrando estar em um estado de manifestação com a espiritualidade. Os atores se preocuparam em registrar um indivíduo que sente, que se cala, se resguarda diante do que vê e se mostra misterioso atuando nas esferas sagradas do seu entorno. Identifica haver algumas lacunas sobre as suas atitudes na espiritualidade entre os seus devotos e principalmente nos relatos que apontam no seu cotidiano e a necessidade de comunicação com o povo, mas isso não se torna um limite em lhe tecer. Na concepção de Pesavento (1995), a ação que indica o valor estético da escultura é uma visualização concreta e abstrata na revelação do conteúdo, mesmo irrevelável em alguns exemplos.

Em outro apontamento, Naveira (2014), idealizador da ilustração 02, realizou uma postagem em seu blog exaltando esse imaginário.

> Nas águas do mimoso andava o "Sinhozinho" com sua fé fazia curas, milagres, conversava com os animais e a natureza de Bonito era sua morada... Suas histórias serão sempre lembradas na memória do povo da cidade. Suas curas e feitos se transformam em mito e lenda que estão guardados ainda hoje no coração nos moradores (NAVEIRA, 2014).

As histórias de Sinhozinho são contadas pelos seus contemporâneos e se repassam no imaginário do município, referenciando outros grupos sociais que foram vividos por novas testemunhas. Há relatividades de suas reações com os outros que lhe seguia em rezas, curas, preces e pedidos de remédios e proteção. A citação se diferencia da visão daqueles que ouviram as suas representações já mentalizadas como testemunhas oculares. Por conta disso, formam-se valores e modos de se perceber a religiosidade popular nas criações herdadas. Essas transmissões se repaginam ou mantêm as mesmas mentalidades. Nesse caso, Naveira (2014) descreve que ele se comunicava, falava com os animais e a natureza, e nesse caso exemplificado, contrapõe a comunicação em sinais, conforme é narrado por outros moradores como versão tradicional. Esses apontamentos valorativos da sua imagem não são definidos sobre uma visão de mundo permanente, elas se difundem e se condicionam entre a cidade, o tempo e os rituais de uma sociabilidade que se recria e retorna a uma contextualização dos modos de agir e de ter uma leitura do personagem. Através disso, os devotos se reconhecem e compreendem a sua época e época dos seus familiares.

Pesavento (2005) entende a nova história cultural posta ao fato que o sentido das coisas, dos atores sociais e das palavras, incluindo também os costumes de outros agentes influenciáveis por algo decifrado é regido de significados pelo potencial explicativo do homem. Ao identificar o povo, as massas e as suas sensibilidades, a autora trata dos sentimentos na presentificação de um ausente que é presente nas suas várias mudanças e na conexão da realidade das crenças. Assim, a cultura marca uma geração ou se renova com métodos, permite variar com as suas ampliações, se atrelando sempre na busca de uma identificação individual que é dinamizada pelas ocasiões do universo e do próprio núcleo territorial. O ser humano ao se apropriar do sagrado procura redefinir os seus medos naquele que melhor lhe oferta uma segurança ou tranquilidade diante de suas próprias entregas e lamentações, sobre aquilo que os olhos não veem; mas se compactua com a energia do sublime se manifestando.

Burke (2006) analisa a história cultural como um conceito formulado pelos indícios de uma cultura, e nestas relações se transfere nas estruturas sociais em diferentes grupos que valorizam suas assimilações pelas redescobertas iniciadas por

trocas dos objetos. A capacidade das massas em se comunicar com o outro é própria de uma sistematização que o imaginário também é parte da vida na qual as testemunhas contam. Pesavento (2005) chama atenção para as ações do povo transmitidas sobre uma herança cultural. A ilustração 03 representa a narrativa posicionada em relação a origem de Sinhozinho retratado no *cartoon* de Guto Naveira (2014).

Ilustração 03: Representação artística do Sinhozinho, 2014.
Disponível em: http://gutonaveira.blogspot.com/2014/06/sinhozinho-by-guto-naveira.html.
Acesso em: 26 jun. 2017.

O autor da ilustração 03 indicado nessa exposição ainda descreve Sinhozinho na fala de seus seguidores, dessa forma: *"*Um dia perguntaram ao forasteiro: - *de onde o "senhor" vem... Apontando ao céu ele respondeu a pergunta... Alimentando a devoção de um povo fomentando uma história de fé!"* (NAVEIRA, 2014). A frase que compõe esse fragmento reforça a palavra devoção que vai de encontro à memória da população convivente com Sinhozinho. Na explanação, nota-se Sinhozinho de pé e alguém de joelhos ouvindo os ensinamentos do mestre. Ambos se comunicam com a sinalização em seus diálogos, retomando o sentido de uma comunicação em mímicas; essa é mais uma representação readaptada à procura de significado(s).

No *blog* analisado em 2017, verificou-se outra informação que consta a ideia da representação do santo em que o autor complementa os argumentos anteriores:

> Muitos consideravam-no profecta ou Santo, que semeava a harmonia o respeito o Bem e a Paz, outros de personagem misteriosa ou andarilho. Acreditavam nas suas preces e o povo recorria em massa á sua ajuda espiritual e dizem que até curava pessoas, acabando por deixar muitos locais de referência, como Água Santa ou Campina Sagrada entre outros [...] (CUNHA, 2017).

Os tempos canalizados pelas incertezas de um ambiente hostil, na eclosão de doenças, ausência de médicos, postos de atendimento e com residentes de um espaço ruralizado nos períodos de 1930 e 1940, levaram a busca por saídas que pudessem suprir os seus medos das autoridades na coerção dos indefesos e da qualidade de vida. A iluminação do homem que veio acalmar essa gente devota de seus milagres, também proporcionou as contradições de um tempo de disputas políticas e desconfianças dos agentes que externalizaram suas diferenças e perseguiram os seus ideais que ocuparam o espaço com a fé de um povo sertanejo e a crença de suas devoções como meio de sobrevivência.

Botelho (2015) assim descreveu a representação de Sinhozinho na região de Bonito-MS:

> Na década de 1940 apareceu um cidadão em Bonito, em Mato Grosso do Sul, que rapidamente perpetuou-se em adores de santidade no imaginário popular. Sinhozinho, senhorzinho ou Mestre Divino, tanto faz. O prestígio dele é enorme, entre contemporâneos dele, e mesmo, da gente mais nova. Os causos repassados oralmente de geração a geração compõe uma história única, mas similitudes interessantes

> com outras histórias em outros pontos do país, como Sertão de Antônio Conselheiro, o Ceará de Padre Cícero, e a Santa Catarina do beato João Maria. No fundo o enredo é o mesmo. Alguém que, em meio à miséria e à desesperança, tudo misturado com doenças tropicais ou provenientes da fome, aparece com rezas e ervas que acabam curando o que parecia incurável. Sua imagem foi igualada a São João Batista, sendo concebida, inclusive como reencarnação daquele que batizou Jesus. Embora que, entre as práticas de Sinhozinho, não estivesse o batismo, mas, quase exclusivamente, a cura. Para tanto, ele usava cinza e água, basicamente. Sempre, é claro, invocando a ajuda dos Céus e em meio a rezas das quais o povo participava noite e dia, numa verdadeira comoção popular, impressionante pela intensidade e duração. Não precisa dizer da força de uma criatura dessas acaba transmitindo a quem é beneficiado por suas ações ou palavra! Esse não é bem o caso de Sinhozinho, uma vez que, segundo a história, era mudo. Na verdade, eles se comunicava através de sinais que, caso não fossem compreendidos devidamente pelos fiéis eram completados por escritos. Escritos feitos necessariamente pela mão de um braço só, sem qualquer tipo de ajuda da outra, pois, aquele outro braço, assim, em atividade plena, não o impediu de construir uma capela, nas proximidades do rio Mimoso, onde ainda hoje ocorre romarias, especialmente no dia 12 de outubro, dia de Nossa Senhora Aparecida. A alimentação de Sinhozinho, era reduzida, ainda segundo os relatos dos seus contemporâneos, em poucas "iguarias" a exemplo de frutas, mel, peixe e mandioca, o que favorecia ainda mais ao fortalecimento de sua figura na população. Com um braço só, Sinhozinho espalhou cruzes em vários lugares de Bonito [...] (BOTELHO, 2015).

O Sinhozinho é contextualizado por diversos agentes que ressaltam a construção de sua passagem baseada na caridade, nos milagres e poderes especiais, criando o fenômeno da santidade popular, além da crença no mestre que agia com seus sinais em uma perspectiva histórica, ao promover feitos que se tornaram milagrosos para o povo. Assim, foi ficando conhecido pelo imaginário de uma visão que é movida de (re)criações e (re)interpretações ao longo do tempo. Sinhozinho foi devoto e dotado de santidade e induziu a espiritualidade de uma coletividade por possuir dons especiais no que tange a adoração dos grupos. Essas são práticas que se inserem na veneração de um escolhido pelos acompanhantes seguimentados e se apresentam de forma bastante usual entre os fenômenos religiosos, aos quais necessitam serem fortificados nessa experimentação com o cosmos.

Entre outras perspectivas, na presença do sobrenatural agindo, diante dos espaços oficiais e não oficiais fazendo parte das alianças de crenças na santidade e estas se transvestem de dogmas e hierarquias nos rituais da religiosidade popular que não necessitam de legitimidade. O próprio povo legitima ao se direcionar a voz do passado, é um meio ágil, mas não exclusivo e determinado para solucionar respostas da reconstrução dos fatos, mas através das narrativas orais e no ato de materializar a experiência do Sinhozinho como parte de um conjunto coletivo, isto é algo que traduz significado para uma dada sociedade. Se referir a esse ser e as suas habilidades vistas como mágicas ou fantásticas, reportados da memória, são elementos que constroem atitudes e assim emitem conexões com a cultura local, enquanto fundamento da ação humana na devoção.

Por esse fato, a história do Sinhozinho de Bonito possui sua popularidade de identificação com as representações religiosas que são dilatas entre os sentidos da crença. Essas se reintegram em elementos da religião e vivificam a realidade do sagrado no espaço e se agrega em uma tradição nos hábitos diários de seus fiéis. Esses, muitas vezes, encontram-se sobrepostos aos conflitos da cidade e agarrados as suas liturgias e tradições, possuindo linguagem e costumes em um cotidiano de devoção, fé, lazer e cortejo que constrói o imaginário da comunidade local e sua readequação na paisagem.

DEVOÇÃO AO SAGRADO: A RELIGIOSIDADE DO POVO

A interdisciplinaridade nos estudos da religião em geral, destacada em seus múltiplos aspectos acadêmicos, abre um leque investigativo ao qual vem avançando no tocante as informações que podem ser conectadas com inúmeras temáticas, como é o caso da religiosidade popular pela sua aproximação com a cultura e sua utilidade nos lugares onde o sagrado se manifesta. Todavia, essas análises das relações sagradas podem estar contrapostas com o aparecimento de novas fontes. O ritual de devoção a Nossa Senhora Aparecida organiza um movimento coletivo que é realizado no dia 12 de outubro entre os romeiros se movimentando na capela do Sinhozinho.

Pensar o sagrado em uma dimensão mais sistemática no campo da ciência da religião, possibilita utilizar a perspectiva de Alves (1984), identificando a relação dos homens com a religião no tempo e no espaço em termos históricos e nas distinções de crenças. Por isso mesmo, denota-se o pesquisador, apontando a consolidação do vínculo que essa mesma orientação possui nas relações estabelecidas na sociedade, isso se dá evidentemente entre a formação de um antagonismo dos descrentes e entre os grupos inseridos no mundo religioso. Com o surgimento da ciência, a busca pelo sentido de questionar a espiritualidade em Deus a ponto de negligenciar a sua necessidade entre os indivíduos, quando a racionalidade adquire espaço no ateísmo, não suprimiu a religião, pelo contrário. A sua insistência entre os que praticam assiduamente foi algo cada vez mais frequente ao longo das vivências e entre os grupos e suas gerações que preservaram a experiência religiosa de modo independente das mudanças estruturais que foram ocorrendo entre os paradigmas e a defesa da ciência negando o transcende. Apesar das intermináveis contestações, a religião continuou enraizada nos costumes dos sujeitos em suas diferentes manifestações.

Os parâmetros do cientificismo e o elitismo entre a erudição do que é científico parte de um tema debatido entre culturalistas como Chartier (1990) reinterpretando o lugar da cultura popular e sua negação, bem como a importância de ressaltar a sua complexidade de análise do comportamento humano. Geertz (1989) compartilha da necessidade de renovação adaptativa dos símbolos e, além disso, sua renovação teórica. Em todo caso, as religiosidades populares, retomando as considerações de Alves (1984), têm suas expressões simbólicas com aquilo que é sagrado ou mesmo que vem a provocar uma busca pelo ser superior a existência humana. Assim, contido no vocabulário, na iconografia, nos textos que podem estar nas orações, hinos, inscrições, quando os deuses são vistos, conforme se observa no decorrer do texto e suas diferentes óticas de análise. Por assim dizer, estes acabam sendo portadores de mensagens universais.

O caminho dessa pesquisa que demanda o uso de diferentes dados que possam construir a história de Sinhozinho, devido à escassez de fontes, também perpassa pelos *blogs* que descrevem uma identidade desse imaginário.

> As romarias para homenagear Nossa Senhora da Aparecida são tradição em diversas regiões do país. Na próxima (12), milhares de fieis saem em procissão para celebrar o Dia da Padroeira do Brasil e em Bonito, interior de Mato Grosso do Sul, o destino é a Capela de Sinhozinho, um personagem icônico da história da cidade, que viveu ali por volta de 1944. Muita gente fez o caminho de pouco mais de 12 quilômetros a pé, e antes do sol nascer já estão quase concluído sua jornada. A missa é celebrada quase às 8 horas, mas as orações começam bem antes, conforme os fieis vão chegando. De tempo em tempo, rodas de rezas são formadas e o som das vozes clamando por Maria tomam conta do local. As velas iluminam o caminho e a igrejinha até o sol chegar e permanecer compondo o ambiente durante todo o dia (PELLIN, 2016).

O roteiro que tem início na cidade é trilhado por inúmeros seguimentos com seus votos, objetos e orações ainda na madrugada. Muitos decidem sair de suas moradias e se dispõem a cumprir promessas ou mesmo realizar suas caminhadas na companhia de outros seguidores que se alternam entre a crença no Sinhozinho e Nossa Senhora Aparecida. Os pagadores de promessa e a movimentação de pessoas de outros locais reatualizam o território. A capela é frequentada por pessoas que surgem de inúmeros espaços, cidades e religiões chegando a outras épocas do ano, além da data oficial em que os ritos praticados podem criar, distinguir ou mesmo excluir, além de impor relações de poder no espaço. Os símbolos culturais existentes pelos seus produtores se movimentam quanto à dinâmica do lugar, reprojetando os objetos e esses adquirem outros nortes com novas interpretações e significados. O ritual interno da devoção aos santos católicos que se encontram na capela do Sinhozinho, frequentado pelos devotos, está explícito na ilustração 04.

Ilustração 04: Fotografia da Capela do Sinhozinho.
Fonte: Disponível em: http://www.portaldaeducativa.ms.gov.br/em-bonito-dia-da-padroeira-do-brasil-tem-pedalada-e-romaria-ate-capela-de-sinhozinho/ . Acesso em: 26 jun. 2017.

Na ilustração 04, nota-se haver algumas pessoas centradas nos santos dentro da capela e essas estão ajoelhadas de costas e aos pés das santidades fazendo seus pedidos aos intercessores, sendo esses vistos como desprovidos de milagres. O altar é ofertado a Nossa Senhora Aparecida desde a sua construção inicial na década de 1940. A santa é padroeira da capelinha e ícone de devoção do Sinhozinho, escolhido para compor o cenário. Os elementos que figuram na capelinha são apreciados pelos devotos, além disso, há flores, velas acesas, tanto em cima, quanto embaixo e mais os santos levados e encaixados na parte de dentro ao serem ornamentados e significando as experiências dentro da capela alternadas por dias, anos e razões. Essa contém objetos que decoram o ambiente além de tudo, fora do local. Assim, o numinoso, segundo Otto (2001), é vivenciado pelo sujeito e o transcendente está transitando nas fases de vida, nas pessoas e em seus entornos entre a fé dos agrupamentos, intermediando uma vivência religiosa, exprimindo o divino como parte daquilo que é secreto, mas se externaliza. O contato com o poder sobrenatural é experimentado em naturezas diferentes, em ritmos que se modificam e se reestruturam na capacidade de fazer com que os afetos sejam segundo Amaral Filho e Dias (2013), desprovidos do riso, do choro e da percepção. Na concepção de Otto (2001), a religiosidade é vivida pelo irracional, assim sendo, o estudioso não se limita a uma definição da religião em termos mais fechados quando os aspectos espirituais em que a força do sagrado é posicionada. Essa evoca a ocorrência do mistério, se tornando afetiva e participava por não ser vivenciada de forma isolada em suas palavras.

Dentro do que é considerado como as manifestações culturais nas expressões espontâneas da religiosidade popular no cerrado e o lugar simbólico no Centro-Oeste, emitindo diversos rituais e festas que são experienciadas na territoriedade. Brandão (2004) se dirige as festividades em Goiás e junto disso, chama atenção para a inserção do sagrado nos rituais católicos. Isto em uma programação na qual esses rituais e calendários oficiais transmitem a legitimação de valores em uma ordem social estabelecida. Na perspectiva de que a religião deve ser vista na hierarquização entre grupos, Furtado (2001) referencia as pompas das festas religiosas nas quais a ostentação

se torna marca das diferenças e vivências entre os vestuários, gestos e o lugar que o indivíduo ocupa.

Ao inserir mais uma ilustração da romaria, evidencia-se um folder explicativo que contém as informações da romaria do Sinhozinho apontando as atividades, às datas e horários no ano de 2016.

Ilustração 05: Folder de divulgação da romaria do Sinhozinho organizada pelo o grupo Lobo Guará Bike Adventure.
Fonte: Disponível em: http://www.portaldaeducativa.ms.gov.br/em-bonito-dia-da-padroeira-do-brasil-tem-pedalada-e-romaria-ate-capela-de-sinhozinho/. Acesso em: 26 jun. 2017.

A ilustração 05 é uma demonstração, enumerando os horários e a programação do evento religioso da romaria, sendo que as práticas religiosas se dão entre a saída de pedal indicada, sobretudo, logo em frente à capela sagrada família. Os participantes chegam até o local acompanhados e seguem na capela do Sinhozinho buscando visitar em seus passeios, outros para conhecerem o fenômeno, ou mesmo vão na finalidade de reforçar o conhecimento. Os participantes alcançam o período da missa desde o turno da manhã e, muitas vezes, acompanham a celebração do padre em devoção a Nossa Senhora Aparecida com cantos e liturgias. Em seguida, oferta-se o almoço do padroeiro São Pedro e a missa é realizada em outra capela. Os rituais vão sendo desempenhados com as mudanças de papéis e isso se atrela na convivência com outros sacramentos oficiais, não deixando de reproduzir a proximidade com o sagrado. Segundo Otto (2001), esse contato é capaz de provocar um estado de finitude com diferentes símbolos da salvação. A instrumentalização desses símbolos pelos agentes transpassa uma continuação que Otto (2001), define como a busca dos deuses do céu como uma conservação do cosmo e garantia de estabilidade. Em outra análise, D´Abadia (2010), aponta que a religião privilegia a produção da localidade, e o grupo religioso que toma frente das decisões, propõe uma marca e, sobretudo, uma hierarquia do sagrado.

Podemos dizer que o santo, em referência a Da Matta (1999), passa a ser uma espécie de modelo e assim ele se apoia em uma história a ser seguida, gerando uma expectativa no céu, havendo dependência entre a concepção religiosa da divindade e o propósito de estar voltada para questões do cotidiano dos devotos. Para D´Abadia (2010), o evento religioso é como um processo de socialização que agrega relações econômicas, religiosas e políticas, possuindo sua ressignificação e modo de tradição local em muitos municípios em que são celebrados.

Dessa forma, os eventos religiosos de ano em ano possuem suas ligas identitárias em que as participações desses acontecimentos são consagradas com músicas e encenações, para além da reunião entre pessoas em um determinado período, buscando festejar, depositar suas preces no seu protetor e ocupar os locais com suas crenças e públicos divergentes que se reúnem, se misturam. Estes são perceptíveis entre fatores ambientais, culturais e alteridades na área em que ocorre as celebrações ao se

concentrar não só nas imagens dos santos, mas sobretudo, na história do local, das pessoas que tiveram contato com a circulação de cultos que são feitos aos santos e, ao mesmo tempo no reconhecer de si, mesmo com as técnicas materiais da capela que se estrutura com a paisagem ambiental na produção da religiosidade.

Ilustração 06: Celebração da missa na capela do Sinhozinho durante o turno da manhã – 2016. Fonte: Disponível em: http://www.bonito.ms.gov.br/noticias/galeria-de-fotos/3-encontro-de-mtb-e-realizado-de-12-a-14-de-dezembro-em-bonito. Acesso em: 26 jun. 2017.

A reunião entre os indivíduos que se agrupam em prol de suas divindades na missa realizada na capela do Sinhozinho solidifica a espontaneidade do evento, se repetindo sempre que possível quando a existência de Sinhozinho não desaparece, mas pontencializa a presença de outros santos oficiais. Ele conecta as forças e elas se misturam entre os devotos de Nossa Senhora Aparecida. Bem se vê uma união de valores, rezas, mensagens e contribuição de outras devoções. Sinhozinho foi devoto de São João e Nossa Senhora de Fátima, levando em consideração que a popularidade da devoção dos sujeitos que o enxergam como santo popular prevalece impactando outros seguimentos e esses poderes religiosos se fortalecem. A sua condição de devoto envolve

outras histórias não conhecidas. Os relatos das famílias tradicionais se entrelaçam na crença ao santo e este segue sendo transcrito nas trocas e na decodificação dos símbolos que enaltecem a sua chegada às terras sul-mato-grossenses.

Sinhozinho tem sua ilustração no artesanato, nas músicas, estórias e silêncios da história local em seus caminhos na religiosidade popular e na espiritualização do santo local em uma mentalidade, reinventando sentidos para sua forma física e mental. As ilustrações e a ininterrupta devoção ao sagrado responde o que Alves (1984), nos explica como uma força invisível em relação às tensões no cotidiano quando as questões internas e a busca pelo conforto espiritual refletem na vida pluralizada pelas exigências do trabalho, nas rotinas das cidades, na cultura e na arte, bem como nos templos religiosos. Os interesses aos quais percorre sobre o mundo material e simbólico se revezam e se distanciam entre os grupos capitalistas, bem como os objetos da ciência frente ao imaginário e a religião. Por conta disso, entende que os significados se invertem, mas apesar dos conflitos de negação na busca de significado, demonstra que a religião prevalece sendo universal na humanidade, ao fato que a experiência religiosa se constitui nas práticas e no apego pelo sagrado. A imagem do Sinhozinho é esculpida entre os agentes nas tentativas de criar esse elo com o sagrado.

Ilustração 07: Fotografia da escultura do Sinhozinho de Bonito. Acesso em: 26 junho de 2017. Disponível em: http://www.loboguarabikeadventure.com.br/2016/10/.

A fixação da sua escultura é compartilhada com outros santos de devoção, e novamente se recoloca a visão do homem com os carneirinhos ao seu lado, sem o braço e com uma bolsa. Essa última foi relatada que era o local em que armazenava alimentos ao lado, prevalecendo o mesmo enredo que sempre se dirige as suas graças nas visitações dos espaços. Há réplicas de santos ao seu lado com seus rosários e objetos postos à mesa. Uma curiosidade assimilativa do objeto é que ele deixou orações escritas, cantava santa cruz, fazia novenas aos santos e a sua objetivação é uma base que propõe o discurso da sua historicidade bem próxima do catolicismo. Além de próximo da religiosidade popular, tinha poderes de intervir ou de castigar quem agisse contra os seus preceitos. O indivíduo é analisado como um agente propagador da luz. Infiltrou-se na devoção; nas multidões; na memória, a outros cultos e assim estas ocorrências se tornaram alternativas nos labirintos do sagrado. Ainda que essa imagem seja intencional na mensagem e na confecção do objeto, as mudanças não rompem plenamente com a idealização do mestre divino e do santo mesmo com outras explicações a serem levantadas.

Por assim dizer, fica a mensagem do agente que realizava feitos espetaculares e segmentava uma quantidade significativa de pessoas por onde transitou entre as fazendas na região do Mato Grosso do Sul em 1940. Veio com suas orações, terços, suas orientações e manifestação da religiosidade que se socializa na identidade de uma população no presente e que dinamiza o impulso e experiências com a devoção. O pesquisador tem a função de dar voz aos silêncios do esquecimento, proporcionando que as expectativas desse imaginário possam aflorar e agir no reconhecimento dos grupos e reconstruir os fatores pouco evidenciados. Para além da identidade, enquanto categoria no fator cultural, o passado além de ser compreensível no presente, levanta problemáticas para outros construtos de novos pensamentos e saberes, impedindo que estes sejam excluídos e não evidenciados.

Brandão (2015) faz algumas considerações sobre festas, rituais e celebrações.

> Os rituais, os festejos e as celebrações comunitárias podem ser divididas/ as, a um primeiro olhar, em uma múltipla assistência do que está acontecendo, versus grupos de pessoas que fazem acontecer os diferentes momentos de um ritual ou de toda uma festa popular. Mas, na verdade, de um lado ou de outro "do que acontece", as pessoas presentes em uma festa popular estão, cada qual ao seu modo, participando dela. Nelas há cortejos cerimoniais, procissões piedosas, desfiles, novenas, missas ou outros momentos de celebração religiosa. Há cantos e danças, há visitações (mais do que simples visitas) a casas e a lugares sagrados, há simulações de batalhas e reconciliações entre grupos rivais. E há, quase sempre, festivos solenes e alegres momentos de uma (se possível) farta comilança. E a festa popular é justamente a conjugação, a interação a celebrativa mistura de "tudo isso" (BRANDÃO, 2015, p.31-32).

Os rituais desenvolvem um conjunto de comportamentos que são descritos como uma mescla em que o sagrado acaba variando em diferentes situações, pessoas e estas se manifestam em seus cortejos e pedidos em seus cotidianos e querem celebrar seus santos e romper com as barreiras sociais. Os religiosos querem encontrar nos poderes míticos, a sua renovação nos rituais religiosos e na devoção desses encontros uma comunicação festiva, votiva e interativa em que os sentimentos individuais se afloram e o festejar se comemora. Contanto, os mais diferentes devotos transpassam aquele território em que os fios conduzindo a história são tecidos e assim desalinhados de um tempo que não é capturado na amplitude dos fatos e assim e constrói os rastros de Sinhozinho. As interrogações e o repassar de suas memórias contribui para transmissão de suas presenças no imaginário religioso. Contudo, é preciso reconhecer que a sua persistência do Sinhozinho na religiosidade popular de culto é repassada por uma manifestação coletiva de devotos. Assim, indo desde a contemplação dos habitantes que chegaram de outros locais, como o Rio Grande do Sul e Paraguai, até a sobrevivência de uma crença que ultrapassa a prática do ritual na romaria e se incorpora no cotidiano de seus devotos na cidade e entre os moradores mais antigos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O imaginário do sinhozinho tem sido cada vez mais referenciado pelos guardiões da fé, tratando de um imaginado que sobrevive entre paisagens, plantas, águas, nos cantos sertanejos, nas terras das fazendas ao temporalizar a microrregião da Bodoquena que da fronteira, institui interconexões entre tempos agrícolas, redefinições políticas e o desvendamento do lugar espelhado no desbravamento do Mato Grosso do Sul. Dentro de um conjunto de possibilidades, esse sujeito tem sido materializado nos espaços e principalmente na mentalidade do povo.

As informações são imprescindíveis ao contextualizar um breve histórico que tem liga com diversos componentes do campo sagrado, mas não deve ser deixado de lado que há limites na explanação desse tema quanto às fontes de pesquisa disponíveis. Ainda assim, as crenças e devoções projetam um imaginário e os sentimentos que vão contornando novas existências de uma religiosidade que é sentida, vivida e manifestada no território do Mato Grosso do Sul através de inúmeros pontos de vistas e representações que adquirem sentidos múltiplos. O santo popular de adoração das atividades celebrativas nos rituais apresentados é capaz de alterar o culto em rito e este se materializa em um lugar marcado pela experiência do agente com outras pessoas e entidades cultuadas. Entender a participação dos devotos nas relações desenvolvidas pelo respeito, pela força agregadora e momentos de comunicação entre o ente espiritual, são conectivos da ritualização do cotidiano e nos eventos celebrados de uma comunidade afetiva disposta a preservá-lo nas imagens mentais como um modelo poderoso e reconhecido pelos feitos exemplares.

Os valores vivenciados pelos agentes históricos, bem como suas particularidades ao longo do tempo na sociedade em transformação, estão ligados ao passado e presente. As temporalidades indicadas neste trabalho decorrem do universo de um imaginário perceptivo na devoção e na maneira de externalizar as crenças individuais e coletivas, formando expressividades que condicionam sentidos na religiosidade popular. Por tudo isso, essas ligações entre os atores com o sagrado enunciam os grupos e as suas particularidades locais, sendo com isso, realidades entrando em paradoxo ao longo

do tempo. Por isso, o ato de ser devoto de uma santidade milagrosa representa instransponíveis apegos gerando a manutenção e a sobrevivência das manifestações de expressões culturais e religiosas, podendo, inclusive, assumir até mesmo um caráter político nas representações aliadas de um povo que constrói as suas próprias existências em grupo. É possível dizer que essas condutas e trocas com a ordem celestial vindas do alto podem se repetir e se reinserir no território com outras intensidades, nas quais nem tudo que vem a ser exposto ou explicito nos gestos, nas falas e devoções, na organização de uma religiosidade, realmente regem essas expressões.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubens. **Religião e Representado**. Rio de Janeiro: Abril Cultural Brasiliense, 1984.

AMARAL FILHO, Otacílio; ALVES, Regina de Fátima Mendonça. **Os espetáculos culturais na Amazônia: o Círio de Nazaré**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 4., 2013, Belém. Anais [...]. Belém: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA, 2013. Disponível em: http://iv.ciella.com.br/publicacoes/LIVRO-III-ESTUDOS-LITERARIOS-COMUNICACOES.pdf#page=14. Acesso em: 10 jan. 2019.

BOTÊLHO, Sérgio. **Sinhozinho: o santo que encantou os moradores da cidade de Bonito**. Senador Moka, 2015. Disponível em: http://www.senadormoka.com.br/noticias/item/342. Acesso em: 26 jun. 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás**. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

_____. **De um lado e do outro do mar: festas populares que uma origem comum e que um oceano e um cerrado separam**. Anápolis: Editora da UEG, 2015.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CUNHA, José. **Entre o Mistério a Lenda e a Realidade: A História do "Sinhozinho"**. Iguaraçu, 2017. Disponível em: https://josecunhaportugal.wixsite.com/jose-cunha--portugal/bonito-ms. Acesso em: 26 jun. 2018.

D´ABADIA, Maria Idelma Vieira. **Diversidade e Identidade Religiosa: uma leitura espacial dos padroeiros e seus festejos em Muquém, Abadiânia e Trindade-GO**. 2010. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Cultura e sociedade no Brasil Colônia**. São Paulo: Atual, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

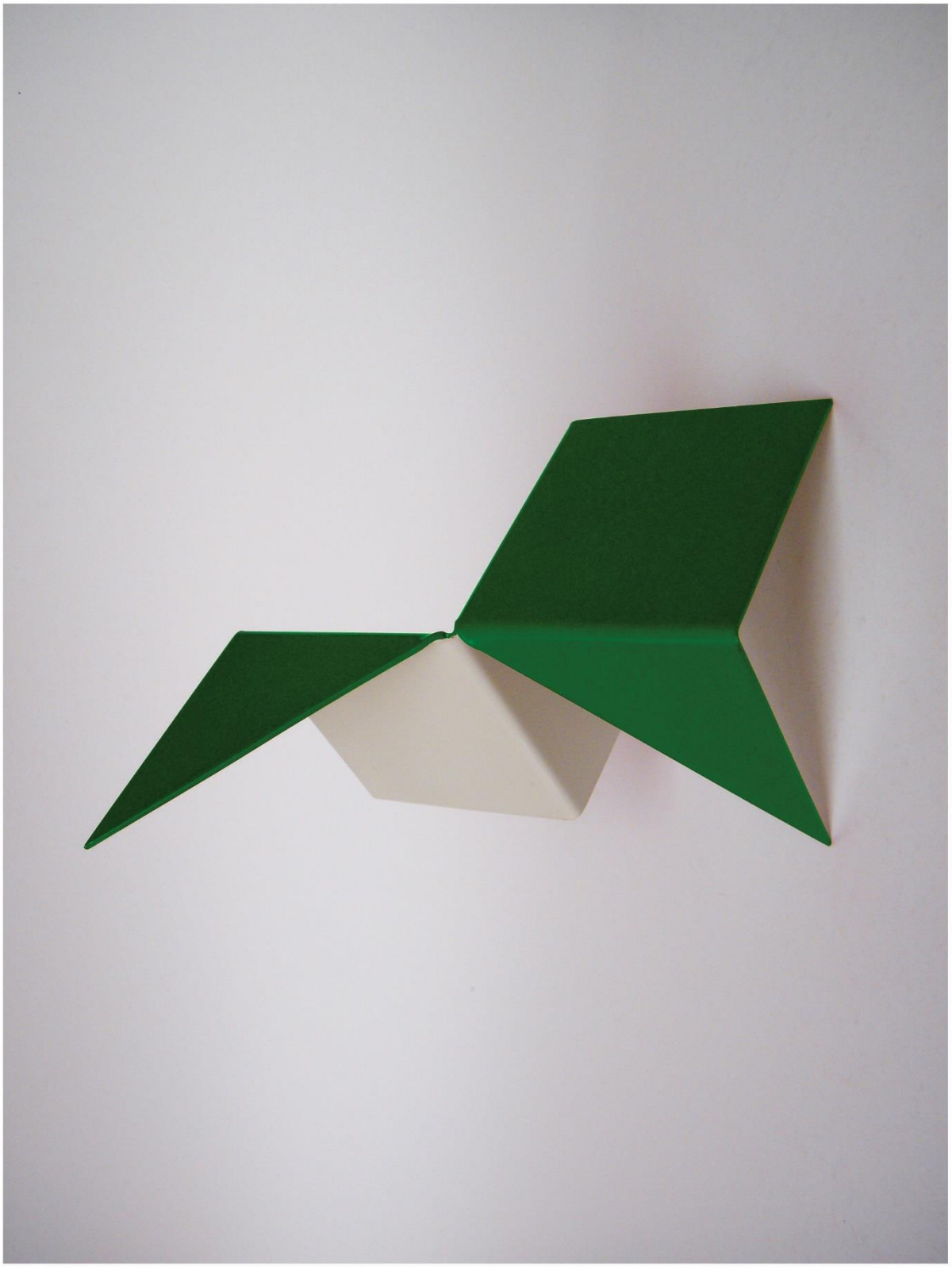
NAVEIRA, Guto. **Arte e Cartoon**. 2017. Disponível em: http://gutonaveira.blogspot.com.br/2014/06/sinhozinho-by-guto-naveira.html. Acesso em: 26 jun. 2017.

OTTO, Rudolf. **O sagrado: Um estudo do elemento não-racional na ideia do divino e a sua relação com o racional**. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 2001.

PELLIN, Kemila. **Em Bonito, Dia da Padroeira do Brasil tem pedalada e romaria até Capela de 'Sinhozinho'. Campo Grande.** 2016. Disponível em: http://www.portaldaeducativa.ms.gov.br/em-bonito-dia-da-padroeira-do-brasil-tem-pedalada-e-romaria-ate-capela-de-sinhozinho/. Acesso em: 26 jun. 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cultura e Representações, uma trajetória**. Anos 90: Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p. 45-58, jan./dez. 2006. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31549/000632033.pdf?sequence=. Acesso em: 10 jan. 2019.

_____. **Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário**. Revista Brasileira de História: São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, jul./dez, 1995. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0102-0188&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 jan. 2019.

_____. **História e História cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RÜSEN, Jorn. **Narratividade e objetividade na Ciência Histórica**. Estudos Íbero-Americanos: Porto Alegre (PUCRS), v. XXIV, n. 2, p. 311-335, dez. 1998. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/27269/15563. Acesso em: 10 jan. 2019.